

CRIATIVIDADE EM TEMPOS DE DISPOSITIVOS NEOLIBERAIS DE VIGILÂNCIA DIGITAL — UM ESTUDO A PARTIR DE FOUCAULT, HAN E WINNICOTT

Flávia Andrade Almeida¹

Universidade Paulista (UNIP)

 <https://orcid.org/0000-0001-9359-7472>

E-mail: flaviaandradepsicologia@gmail.com

RESUMO:

Boa parte das discussões sobre panoptismo digital é tributária de noções foucaultianas como as de *panoptismo*, vigilância e controle, que Foucault se dedicou a examinar ao tratar especificamente das tecnologias de poder disciplinar. O objetivo do presente artigo é examinar o *panoptismo* digital e a hiperexposição de si, compreendidas como características do ambiente virtual e seus possíveis efeitos na subjetividade. Para isto, consideramos o ambiente virtual e seu funcionamento enquanto parte do contexto neoliberal de governo de condutas. Percorremos, em um primeiro momento, as noções foucaultianas de *panoptismo* e confissão, bem como os estudos de Byung-Chul Han sobre o que chama de sociedade da transparência. Em um segundo momento, examinamos os possíveis efeitos da hiperexposição na subjetividade, utilizando como ferramenta de análise a teoria psicanalítica de Donald W. Winnicott. Foi possível constatar que o ambiente virtual tem funcionamento análogo ao da arte neoliberal de governar as subjetividades. Além disso, foi possível constatar que há, nas atuais formas de utilizar o ambiente virtual, um potencial de esgotamento e de prejuízos à saúde psíquica, levando em conta os prováveis prejuízos para a criatividade, conforme descrito por Winnicott.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo; Panoptismo digital; Transparência; Criatividade.

CREATIVITY IN THE TIMES OF NEOLIBERAL DIGITAL SURVEILLANCE DEVICES — A STUDY FROM FOUCAULT, HAN AND WINNICOTT

ABSTRACT:

Much of the discussion on digital panopticism is based on Foucaultian notions such as panopticism, surveillance, and control, which Foucault devoted himself to examining when dealing specifically with technologies of disciplinary power. The objective of this article is to investigate digital panopticism and hyperexposure of the self, understood as characteristics of the virtual environment and their possible effects on subjectivity. To this end, we consider the virtual environment and its functioning as part of the neoliberal context of governing conduct. We first examine Foucault's notions of panopticism and confession, as well as Byung-Chul Han's studies on what he calls the society of transparency. In a second moment, we examine the possible effects of hyperexposure on subjectivity using Donald W. Winnicott's psychoanalytic theory as an analytical tool. It was possible to verify that the virtual environment functions analogously to the neoliberal art of governing subjectivities. Furthermore, it was possible to verify that, in the current ways of using the virtual environment, there is a potential for exhaustion and harm to mental health, taking into account the probable harm to creativity, as described by Winnicott.

KEYWORDS: Neoliberalism; Digital Panopticism; Transparency; Creativity.

¹Doutor(a) em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP, Brasil. Professor(a) da Universidade Paulista (UNIP), São Paulo – SP, Brasil.

Introdução

Têm sido crescentes as discussões sobre o chamado *panoptismo digital* ou *capitalismo de vigilância*, termo utilizado pela socióloga Shoshana Zuboff, ou ainda sobre a chamada *Sociedade da Transparência*, como descreve o filósofo Byung-Chul Han. Grande parte dessas discussões é influenciada por conceitos foucaultianos, como *panoptismo*, vigilância e controle, que Foucault dedicou-se a analisar ao abordar especificamente as tecnologias de poder disciplinar. Certamente, esses debates podem ser realizados sob diferentes perspectivas, mas neste texto vamos focar nos estudos de Foucault e de alguns de seus intérpretes contemporâneos, com o objetivo de, a partir dessas reflexões, pensar sobre a incidência da vigilância (especialmente, da vigilância, da confissão e da transparência) no campo da subjetividade, especialmente no ambiente virtual. Nosso intuito é propor uma espécie de diagnóstico dos efeitos da hiperexposição digital na formação da subjetividade. Para isso, escolhemos um psicanalista que, em geral, é pouco mencionado em discussões sobre o social: o inglês Donald Woods Winnicott.

Winnicott é conhecido, sobretudo, por apresentar, no cerne de sua ontologia, noções como criatividade e espontaneidade, justamente o que queremos debater nesse artigo. Poderíamos, ao introduzir a descrição ontológica de Winnicott, afirmar que um de seus intuitos principais é mostrar que, para se sentir vivo, genuinamente, não basta nascer. É preciso ter vivenciado experiências, sobretudo de cuidado, de qualidade tal que permitam a conquista do que o psicanalista inglês chama de viver criativo. Neste artigo, trabalharemos principalmente com base nas análises de Foucault sobre a arte neoliberal de governar, sobre os dispositivos de vigilância e confissão e, como complemento da análise, trabalharemos com base nos conceitos de criatividade e espontaneidade, de Winnicott.

O objetivo neste artigo não será necessariamente efetuar uma aproximação entre Foucault e Winnicott, o que seria arriscado, considerando as divergências ontológicas, epistemológicas e até mesmo políticas entre estes dois autores. Nosso intuito será propor uma certa hermenêutica, com Winnicott, das subjetividades atravessadas pelas tecnologias digitais marcadas, como defenderemos, por dispositivos como vigilância e confissão, longamente trabalhados por Foucault.

É frequente entre os pesquisadores atuais de Winnicott, de diversas tradições, mencionar o pediatra e psicanalista inglês como um estudioso original que propõe, mais do que uma psicanálise dos métodos de investigação e interpretação do inconsciente, uma psicanálise que não se furta a incluir a experiência de habitar e existir no mundo de forma espontânea, uma psicanálise, portanto, da experiência de estar vivo, das experiências do cuidado e de toda sua potencialidade enquanto uma forma ética de escutar na clínica e de agir no mundo.

A noção de criatividade é central na teoria de Winnicott e está estreitamente vinculada à noção de espontaneidade e de saúde psíquica. O próprio estilo de escrita de Winnicott demonstra esta característica de sua ontologia. Corroboramos Bezerra Jr. e Ortega que assim descrevem:

o estilo fragmentário e paradoxal encontrado nos escritos de Winnicott corresponde a um modo estético de pensar que convoca o leitor a uma experiência de apropriação criativa do texto e não de simples convencimento racional. O texto não é um mero veículo de ideias ou relatos, é um instrumento que permite trazer o leitor para a área criativa do jogo, em que seu interior se abre para um pensamento em processo. Compreender isto possibilita uma aproximação muito mais rica dos postulados winnicottianos e uma leitura muito mais fértil (Bezerra Jr. e Ortega, 2007, p. 8).

O estilo de escrita de Winnicott pode levar a certa banalização de suas ideias, já que o psicanalista inglês está longe de poder ser considerado um erudito como Lacan, um de seus

contemporâneos. De fato, Winnicott tem uma escrita por vezes simples, o que pode levar a certa simplificação de sua teoria e conceituações (Ab'Saber, 2021, p. 11). Com efeito, Winnicott mostra em seus escritos que prioriza muito mais suas evidências clínicas, obtidas nos longos anos de carreira como pediatra e psicanalista, do que as elucubrações teóricas derivadas das teorias de psicanalistas com quem manteve interlocuções. O estilo de Winnicott, nada sistemático, também pode dificultar o estudo de seus escritos e o hábito já conhecido de nem sempre referenciar suas inspirações nos remete a outros dos pontos de sua teoria e de sua postura, pois, Winnicott, ao usar suas referências mais como inspiração para formulação de suas próprias ideias do que como filiação, mostra o quanto sua postura como teórico pode caracterizá-lo como um verdadeiro “delinquente criativo”².

Há cada vez mais estudiosos que reconhecem Winnicott como um teórico a ser considerado chave para o estudo dos sofrimentos atuais e dos fenômenos sociopolíticos que os atravessam. Isto porque, como afirmam Bezerra e Ortega: “*um dos elementos que explicam a retomada do interesse pela psicanálise winnicottiana é a abertura que seus conceitos oferecem para a compreensão de certos aspectos da vida psíquica postos em destaque pela cultura atual*” (Bezerra Jr. e Ortega, 2007, p. 8). Safra (2021) aponta para outros fatores que justificam a retomada de Winnicott para pensar e repensar tanto a subjetividade quanto os sofrimentos de nossa atualidade. Em suas palavras:

O mundo atual apresenta problemas e situações que levam o ser humano a adoecer em sua possibilidade de ser: ele vive hoje fragmentado, descentrado de si, impossibilitado de encontrar, na cultura, os elementos e o amparo necessários para conseguir a superação de suas dificuldades psíquicas. No consultório, as questões propostas por nossos analisandos não se referem mais somente aos problemas do desejo e da relação com o outro. As queixas mais frequentes referem-se à vivência de futilidade, de falta de sentido na vida, de vazio existencial, de morte em vida (Safra, 2021, p. 14).

Essas questões mencionadas por Safra são justamente temas centrais na teoria de Winnicott, que foi além da preocupação com as neuroses (como havia feito Freud) para se debruçar sobre o estudo do que, em termos psíquicos, faz a *vida valer a pena de ser vivida*.

Almeida e Freitas (2021) e Kellond (2019) estão entre os pesquisadores que endossam a visão defendida aqui, qual seja, a de que a teoria winnicottiana figura entre as ferramentas possíveis e profícuas de serem utilizadas como chaves de análise dos modos de subjetivação de nosso presente histórico, sobretudo, ao incluírem Winnicott como um teórico fundamental para a compreensão dos modos neoliberais de subjetivação, considerando que o neoliberalismo apresenta, entre suas especificidades, a precarização das formas de viver em comunidade e certa exaltação do individualismo e, Winnicott, em contraponto, ressalta a importância do cuidado e da alteridade, tanto em sua teoria, quanto na prática clínica que propõe.

Em suma, Winnicott é um psicanalista conhecido principalmente por destacar a importância do ambiente no desenvolvimento psíquico. E se, como defende Winnicott, o ambiente inclui o cuidador, mas também o ambiente familiar e o contexto sociopolítico, é frutífero convocar Winnicott para as reflexões acerca do contexto sociopolítico atual, caracterizado, entre outros aspectos, pela operação dos dispositivos neoliberais de governo dos corpos, das subjetividades e das condutas³.

² Aqui estamos aludindo ao termo utilizado por Lucas Charafeddine Bulamah em um de seus cursos sobre Winnicott na Casa do Saber. Ao se referir a Winnicott dessa forma, Bulamah faz referência a temas trabalhados por Winnicott, a saber: a tendência antissocial, a delinquência e a criatividade.

³ SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. Aparecida – SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2021. p. 149.

A arte neoliberal de governar as condutas

Foucault talvez tenha sido um dos primeiros filósofos a realizar um diagnóstico do neoliberalismo enquanto uma forma de organização social, uma forma de psicologia, ou, em seus termos, como uma arte de governar, específica e com dispositivos de funcionamento que permitem um governo mais efetivo das condutas.

É também Foucault quem nos apresenta a possibilidade de realizar um diagnóstico de nosso presente, a saber, neoliberal, como caracterizado pela articulação de diversos dispositivos de controle dos corpos e almas, em suma, das subjetividades e dos sofrimentos. Nesse sentido, o neoliberalismo constitui parte essencial da analítica do poder realizada por Foucault. O neoliberalismo, momento atual do capitalismo, é caracterizado fundamentalmente por seus modos específicos de constituir e governar um tipo muito específico de capital, o capital humano. As relações mercadológicas, ou seja, a lógica concorrencial de mercado, são o norteador de todas as relações humanas e nesse contexto estão vigentes os dispositivos e discursos acerca do ser humano entendido agora como *empresário de si*. Foucault é um dos pensadores que mostram que o neoliberalismo, para além de regime econômico, é um modo de governo que, ao transformar direitos em bens de consumo, altera a ordem das coisas e a disposição exigida dos sujeitos para manterem-se competitivos (ou talvez, sobreviventes), de uma disputa que passa a envolver não somente sua força produtiva para o trabalho em termos de saúde física, mas suas aptidões subjetivas. Os dispositivos neoliberais de governo da subjetividade colocam em operação regimes discursivos que mostram toda uma gramática de predicados afetivos a serem utilizados como mercadoria, como ferramenta para negociação de si (Almeida e Freitas, 2021).

A discussão sobre os pormenores da constituição do capital humano e sobre as especificidades do neoliberalismo (momento específico do capitalismo) localiza-se, nos escritos de Foucault, sobretudo no curso de 1979, *O Nascimento da Biopolítica (Naissance de la biopolitique)*, em que o filósofo discute tanto a noção de capital humano quanto certo modo específico de governo da subjetividade. Localiza-se, portanto, no período em que pesquisadores de Foucault costumam classificar como genealógico, em que se encontra a analítica do poder, empreendida por Foucault. A respeito do neoliberalismo como forma de organização social, Foucault afirma:

A generalização da forma econômica do mercado, mesmo para além das trocas monetárias, no neoliberalismo americano, funciona como princípio de inteligibilidade, princípio de explicação das relações sociais e dos comportamentos individuais. Significa que a análise em termos de economia de mercado, em termos de oferta e procura, vai servir de esquema que se pode aplicar a domínios não econômicos. E, graças a este esquema de análise, a esta grelha de inteligibilidade, vai poder-se fazer aparecer em processos não econômicos, em relações não econômicas, em comportamentos não econômicos, certo número de relações inteligíveis que não se apresentariam como tais (Foucault, 2010, p. 307).

As análises de Foucault vêm sendo largamente examinadas e até mesmo ampliadas por comentadores e pesquisadores, tanto de Foucault quanto do neoliberalismo. Tanto Foucault quanto seus comentadores mostram que, na tarefa de governar corpos e almas, valores como *competitividade, eficácia e desempenho* tendem a nortear as relações humanas e a formação subjetiva. Nas palavras de Almeida e Freitas:

O empresário de si é o sujeito que negocia não apenas sua força de trabalho, mas que, desde cedo, direciona esforços para o aprimoramento pessoal, profissional e o das aptidões em geral. Isso porque a racionalidade neoliberal generaliza o *ethos* de

competitividade: a lógica do mercado se torna o princípio norteador de todas as relações humanas (Almeida e Freitas, 2021, p. 116).

O propósito deste artigo não será necessariamente versar sobre o neoliberalismo como gestão de subjetividades, mas é fundamental que a racionalidade neoliberal seja incluída, logo de início, em nossa análise. Isto porque, ao falarmos de *panoptismo* e sua incidência nas subjetividades, não podemos deixar de incluir o neoliberalismo na análise, já que muito do que encontramos em termos do funcionamento e dos regimes discursivos das redes sociais, por exemplo, são reflexos ou estão articulados à racionalidade neoliberal em termos de constituição da subjetividade. O neoliberalismo é o contexto em que se dão as relações humanas, incluídas aquelas que se dão no ambiente virtual e refletem sua lógica de funcionamento. O neoliberalismo é, portanto, o ambiente macroestrutural em que estão sendo constituídas e governadas as subjetividades em nossa contemporaneidade.

Situando nossa análise nesse contexto neoliberal, examinaremos algumas das características do mundo digital e, posteriormente, proporemos uma interpretação desse cenário tomando como base a teoria psicanalítica e, mais precisamente, a teoria de Winnicott.

Dispositivos de vigilância e confissão

Os escritos de Foucault contemplam investigações sobre procedimentos de vigilância como o *panoptismo*, descrito por ele em dois termos: o arquitetônico, ou seja, institucional, e o do *Panóptico* como um princípio, uma rede hierárquica e ascendente dos olhos do poder, já que Foucault defende, ainda em *Vigiar e Punir*, que houve uma generalização do *panoptismo* por todo o corpo social. O modelo *Panóptico*, descrito por Jeremy Bentham e utilizado por Foucault como alegoria do funcionamento de um tipo específico de poder, a saber, o poder disciplinar, foi examinado pelo próprio Foucault, para além de seus atributos arquitetônicos, ou seja, enquanto alegoria de funcionamento do próprio poder disciplinar de vigilância, regulamentação e adestramento. Em *Vigiar e Punir*, Foucault refere-se ao *Panóptico* como princípio de vigilância e defende que tal princípio, o do *panoptismo*, já foi generalizado no corpo social e entendemos, operou e ainda opera articulado a outras tecnologias de poder, algumas delas também descritas por Foucault. Para ilustrar como Foucault descreve o *Panóptico* de Bentham, cabem suas palavras:

Na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas. Cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo Panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente [...] *A visibilidade é uma armadilha* (Foucault, 2017, p. 194, grifos nossos).

O *Panóptico*, assim como o poder disciplinar, pressupõe uma rede de olhares e registros de comportamentos, registros do que obedece e do que foge à norma estabelecida, com fins de manter a regulação e a disciplina dos corpos. Nas palavras de Foucault:

O *Panóptico* funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens: um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça (Foucault, 2017, p. 198).

Foucault descreve o *panóptico* como princípio que prescinde de uma construção arquitetural/institucional, mas que necessita de parâmetros de vigilância e docilização na manutenção das disciplinas e na condução e docilização dos corpos em termos de produzir autorregulamentação nos sujeitos vigiados. Este princípio, destaca Foucault, fez funcionar as chamadas instituições disciplinares: prisões, quartéis, hospitais, escolas e fábricas, mas ultrapassou o campo institucional para se tornar generalizado em todo o corpo social em termos de redes múltiplas de saberes-poderes. Assim: “*A generalização dos olhares do Panóptico permite entender que não há, ou não deve haver, o fora do poder. Tudo precisa estar sob vigilância: os corpos, as ações e, talvez, especialmente os pensamentos (que podem permitir a previsão de ações)*” (Almeida, 2021, p. 37).

Há, entendemos, certa sofisticação e ampliação da análise do *panoptismo* em termos de princípio do poder disciplinar em vários pontos posteriores dos escritos de Foucault, mas especialmente no curso *O Poder Psiquiátrico*, quando o filósofo revisita as análises antes realizadas por ele a respeito da loucura. Foucault situa, precisamente nesse curso, o dispositivo psiquiátrico como um dos principais em termos de vigilância e normalização, nesse caso, do fenômeno da loucura. Foucault menciona o dispositivo de confissão em diversos pontos desse curso, situando-o como parte de um dispositivo disciplinar: o ritual do interrogatório. A esse respeito, cabem antes as palavras de Foucault a respeito da confissão:

[...]a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas (Foucault, 2009, p. 70-71).

Foucault nos mostra ainda que a operação de rituais de vigilância, controle e normalização, como a confissão, ultrapassou há tempos o enquadramento religioso para fazer parte de outros espaços e outros dispositivos, como o dispositivo psiquiátrico. Nesse sentido, Foucault faz clara relação entre os dispositivos notadamente patologizantes e os procedimentos de exame e confissão, como se constata nas descrições realizadas por Foucault no curso *O Poder Psiquiátrico* e mesmo nas realizadas anteriormente em *Vigiar e Punir*. Conforme as palavras de Foucault:

Pareceu-me, até nova ordem, que houve três (pontos) nos quais vemos introduzir-se a questão da verdade posta à loucura. E esses pontos são, primeiramente, a prática ou o ritual do interrogatório e da extorsão da confissão, sendo este o procedimento mais importante, mais constante e que, finalmente, nunca mudou muito no interior da prática psiquiátrica [...]o interrogatório é certa maneira de fixar o indivíduo à norma da sua própria identidade — quem é você? como se chama? quem são seus pais? como foram os diferentes episódios da sua loucura? —de vincular o indivíduo, ao mesmo tempo, à sua identidade social e à assinalação de loucura que lhe foi conferida por seu meio. O interrogatório é um método disciplinar e, nesse nível, podem-se efetivamente identificar seus efeitos (Foucault, 2012, p. 300).

É em *O Poder Psiquiátrico* que Foucault amplia as análises sobre a tecnologia de poder disciplinar, que já havia descrito alegoricamente em *Vigiar e Punir*, ao descrever o *Panóptico* como instituição e como princípio. Cabe lembrar que Foucault não propõe, na sua analítica do poder, que uma tecnologia de poder surge para substituir outra, propõe, ao contrário, uma articulação de diferentes tecnologias de poder que, em seu entendimento, estão em operação até nosso presente histórico, em nossa sociedade, em suma, no que ele chamou: *sociedade de normalização*. Portanto, defendemos aqui que as tecnologias de vigilância e disciplinarização figuram entre os dispositivos vigentes da arte neoliberal de governar⁴.

Panoptismo digital e hiperexposição voluntária

As análises de Foucault sobre diferentes tecnologias de poder fornecem-nos elementos para compreender a sofisticação presente na articulação de diferentes dispositivos que, podemos entender, nos atravessam atualmente, na nossa realidade marcada pela arte neoliberal de governar.

Ao tentarmos utilizar esses dispositivos de controle examinados por Foucault como chave para analisar o nosso presente, vemos que as descrições de Foucault permanecem profícuas em termos de possibilidade de diagnóstico do panoptismo digital. Isto porque é clara a articulação possível, por exemplo, entre as relações digitais, ou seja, entre o mundo de vigilância digital, algorítmica e o princípio do *Panóptico* (ou *panoptismo*). Estar online é estar, voluntariamente, exposto ao controle, à vigilância praticamente total e a suas consequências, das mais banais até a mais brutal incitação ao consumo ou ao mapeamento de condutas em termos de utilização política. A confissão, nesse cenário, passa, mas ultrapassa o campo da patologização e fica praticamente generalizada e voluntária. Pode-se afirmar que as redes sociais pressupõem integral convocação ao confessar-se e expor-se a todo o tempo. E, nesse contexto, de modo geral, é de bom grado que a confissão acontece, sem explícitas coerções, sem a corporificação do poder, o que evidentemente não significa que tudo se passe sem a incidência de poder ou tecnologias de poder.

Além disso, a confissão realizada no ambiente virtual guarda uma diferença significativa em relação à boa parte dos procedimentos de confissão largamente descritos por Foucault. Especialmente ao referir-se ao procedimento do exame médico e à confissão dos delírios dos compreendidos como loucos, Foucault defende que a confissão tinha, entre suas características, um comprometimento do sujeito com a verdade e uma ligação do sujeito com o discurso proferido, por ele mesmo, sobre si⁵. O que parece ocorrer nas redes sociais, sobretudo, é uma operação diferente: a confissão dos costumes, das preferências, das emoções etc., nem sempre está ligada a um comprometimento do confessado com a verdade. Muitas vezes, o que ocorre são confissões (declarações) de atributos ou experiências que estejam alinhadas ao status quo vigente, neoliberal, de desempenho, valorização do sucesso individual e alta performance. Trata-se, portanto, de mais uma sofisticação de procedimentos de vigilância e controle, outrora descritos por Foucault e ainda vigentes, porém, aparentemente modificados, ajustados, convenientemente adaptados à lógica concorrencial e mais alinhados à concorrência e adaptação do sujeito, do que com a espontaneidade.

Longe de entender as análises de Foucault como obsoletas, queremos trazer outros autores para o debate. Zuboff assim define o chamado capitalismo de vigilância:

⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976).

⁵ Cf. FOUCAULT, M. *O Poder Psiquiátrico*. Curso no Collège de France (1973-1974). Tradução Eduardo Brandão e revisão técnica Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2012.

O capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais. Embora alguns desses dados sejam aplicados para o aprimoramento de produtos e serviços, o restante é declarado como superávit comportamental do proprietário, alimentando avançados processos de fabricação conhecidos como “inteligência de máquina” e manufaturado em produtos de predição que antecipam o que um determinado indivíduo faria agora, daqui a pouco e mais tarde. Por fim, esses produtos de predições são comercializados num novo tipo de mercado para predições comportamentais que chamo de mercados de comportamentos futuros. Os capitalistas de vigilância têm acumulado uma riqueza enorme a partir dessas operações comerciais, uma vez que muitas companhias estão ávidas para apostar no nosso comportamento futuro (Zuboff, 2020, p. 23).

A autora argumenta que o *Google* é o grande precursor desse movimento, mas evidentemente não o único, e chama a atenção para o mercado de dados que permite a predição de comportamentos, em suma, para a já notável perda de privacidade. Por outro lado, Byung-Chul Han, em cujos ensaios a presença do pensamento de Foucault é evidente, analisa o que chama de sociedade da transparência. As análises de Han complementam as de Zuboff e de Foucault, já que Han defende que há na racionalidade neoliberal um princípio de transparência, isto é, de confissão quase que global dos sujeitos. Tudo, ou quase tudo, precisa estar exposto, declarado, confessado, passível de exame, vigilância e, claro, controle. Han também defende que o dispositivo de transparência tem como característica incitar a declaração de tudo o que for da dimensão da positividade, ou seja, tem como característica ocultar tudo que no campo do humano pareça ou incite, o conflitivo, disruptivo, agonístico ou triste. É como se na transparência (uma das formas utilizadas por Han para descrever as particularidades da racionalidade neoliberal), só houvesse espaço para certa positividade, rendimento e desempenho. Han argumenta que o dispositivo de transparência tem estreita relação com a atual aceleração do tempo e com o fato de o tempo e a subjetividade serem cada vez mais invadidos por demandas de desempenho e alta performance. No regime discursivo vigente na racionalidade neoliberal, se valorizam, desse modo, desempenho, beleza, resignação, felicidade, juventude, equilíbrio e outros valores dessa ordem. Por outro lado, quer-se censurar, como já dito, todos os seus respectivos opostos. Nos termos utilizados por Han: quer-se desqualificar a negatividade. É necessário expor, tornar visíveis ao máximo os próprios feitos, as marcas do que seria a própria singularidade, desde que aquilo que se revela seja positivo (alinhado aos valores neoliberais desejáveis para o capital humano). Han argumenta que, nesse contexto, a exposição é tamanha que se aproxima mesmo de uma atitude pornográfica. A esse respeito, cabem suas palavras:

Na sociedade expositiva, cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que “está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério” [...] A coação expositiva leva à alienação do próprio corpo, coisificado e transformado em objeto expositivo, que deve ser otimizado. Já não é possível morar nele, sendo necessário, então, expô-lo e, assim, explorá-lo [...] Obscena é a hipervisibilidade, à qual falta qualquer traço de negatividade do oculto, do inacessível e do mistério [...] *Obsceno é o pornográfico colocar corpo e alma sob foco de visão* (Han, 2020, p. 32–34, grifos do autor).

Uma das dimensões de análise que diferencia o diagnóstico de Han daquele realizado outrora por Foucault é justamente a dimensão da liberdade. Foucault, ao descrever o *Panóptico* enquanto modelo arquitetural e enquanto princípio de vigilância e controle, defendia que saber-

se vigiado produzia autorregulação nos sujeitos. Han, ao trabalhar as questões atuais, referentes ao funcionamento das redes sociais, bem como às características da racionalidade neoliberal, nos faz pensar na modificação desse entendimento. O filósofo coreano argumenta que o *Panóptico* não funciona mais, ou não funciona somente, de modo a produzir autorregulação: ele funciona justamente a partir do regime discursivo de liberdade. Em suas palavras:

Se os presos do *Panóptico* de Bentham têm ciência de estarem constantemente sendo observados por um vigia, ilusoriamente os habitantes do *Panóptico* digital imaginam estar em total liberdade [...] *Google* e redes sociais, que se apresentam como espaços de liberdade, estão adotando cada vez mais formas *panópticas*. Hoje, a supervisão não se dá, como se admite usualmente, como agressão à **liberdade**. Ao contrário, as pessoas se expõem **livremente** ao olho *Panóptico*. Elas colaboram intensamente na edificação do *Panóptico* digital enquanto se desnudam e se expõem. O presidiário do *Panóptico* digital é, ao mesmo tempo, o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle (Han, 2020, pp. 108–116, grifos do autor).

Há, nessa realidade, inúmeros problemas a serem levantados. Um deles é a dimensão da revolta e mobilização coletiva, que pode estar cada vez mais silenciada na obrigação de declarar a si e supervalorizar o eu, em detrimento das relações. Além disso, é o próprio Han que nos fornece argumentos para apontar outros riscos dessa realidade. Ele utiliza argumentos da psicanálise freudiana para mostrar os riscos de eliminar os espaços de mistério, de segredo, em suma, os riscos e a inviabilidade de publicar tudo de si. Em suas palavras:

Em nome da transparência, exige a eliminação total da esfera privada, que deve levar a uma comunicação translúcida e repousa sobre inúmeros equívocos. O ser humano sequer é transparente *para consigo mesmo*. Segundo Freud, o eu nega precisamente aquilo que o inconsciente afirma e deseja irrestritamente. O id permanece amplamente oculto no ego [...] Frente ao *pathos da transparência* que domina a sociedade atual, seria necessário exercitar o *pathos da distância* (Han, 2020, p. 14).

É ainda Han que aponta para outro dos riscos da hiperexposição, o impacto na espontaneidade, justamente um dos pontos cruciais que queremos trabalhar nesse artigo (lançando mão da teoria de Winnicott). Assim diz Han:

A alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar junto de si mesma sem o olhar do outro. Pertence a ela uma impermeabilidade. Uma total “iluminação” iria carbonizar a alma e provocar nela uma espécie de burnout psíquico. Só a máquina é transparente; a espontaneidade — capacidade de fazer acontecer — e a liberdade, que perfazem como tal a vida, não admitem transparência (Han, 2020, p. 13).

As análises de Foucault e Han nos permitem afirmar que as redes sociais (o ambiente virtual de modo geral) são, ao mesmo tempo, o *Panóptico* e o confessionário de nosso tempo. Talvez seja possível afirmar que, sobretudo, as redes sociais são o *Panóptico* e o confessionário do neoliberalismo, já que auxiliam a manutenção de certa ordem das coisas no que diz respeito à vigilância, controle e regulação. Mantém certas “bolhas” funcionando, o consumo “trabalhando intensamente” e os regimes discursivos em torno de eficácia e desempenho plenamente ativos. Nos expomos no ambiente virtual, nos declaramos e confessamos aquilo que temos, sobretudo em termos de performance ou de atributos consumíveis, negociáveis. O ambiente virtual amplia o potencial competitivo do capital humano, é uma dimensão fundamental dele, permite a exposição de seus atributos negociáveis, é uma espécie de “vitrine” de nós mesmos. É possível ainda que certa identidade virtual criada algoritmicamente seja análoga às catalogações patológicas e seja,

de certo modo, essencialista, engessada, permitindo a operação da vigilância de forma mais eficaz. Estamos, ao que parece, de bom grado, nos colocando como governáveis, vigiáveis e disciplinarizáveis. Em suma, é possível que, com todo esse cenário, parte considerável de nossa subjetividade (aquela indesejável ao *ethos* da eficácia neoliberal) esteja sendo sufocada ou censurada, banida do legitimamente aceito como circulável, portanto, negociável, no ambiente virtual.

O ambiente virtual como mudança de paradigma das relações humanas

Queremos aqui apenas indicar um ponto importante: as hipóteses que descrevem possíveis razões pelas quais nos mantemos insistentemente conectados. As análises a respeito do impacto do mundo digital na subjetividade vão para além da demonstração de seus impactos nocivos. Há estudos como os de Santi (2020) e o conhecido livro de Powers (2012) que buscam demonstrar certo caráter ambivalente em sua proposta diagnóstica do uso e do impacto do digital nas formas de viver e na subjetividade.

Um dos aspectos interessantes pontuados por Powers (2012, p. 83) é o da dimensão que o advento da internet representa em termos de mudança de vida. O autor defende que o advento da internet é comparável ao da invenção da escrita e lembra alguns pontos do diálogo *Fedro*, de Platão, para mostrar que já houve um tempo em que a invenção do livro era grande motivo de preocupação, assim como atualmente ocorre com a internet. Não nos alongaremos nesse ponto, mas para nosso propósito de análise, basta indicar essa hipótese para tentar mostrar o alto impacto da internet em termos de modificações nas formas de vida e possivelmente nas formas de subjetivação, nas formas de relações humanas e assim por diante. Nesse sentido, corroboramos as palavras e os questionamentos de Santi (2020):

Mais do que uma nova tecnologia, estamos diante de uma mudança de paradigma em nossa relação com o mundo[...]Quais são suas consequências psicológicas: há formas de subjetivação surgindo e desaparecendo neste contexto contemporâneo? Há, da mesma forma, novas configurações de sofrimento e adoecimento neste contexto? (Santi, 2020, p. 13-14).

Os questionamentos de Santi (2020) também são os questionamentos que norteiam o presente artigo. Santi (2020) e Powers (2012) procuram mostrar, como dissemos anteriormente, não apenas os efeitos nocivos do ambiente virtual, mas enfatizam seu objetivo de mostrar que a relação que temos com o ambiente virtual é marcada pela ambiguidade, assim como toda relação humana.

Isto parece relevante, especialmente pelo fato de ser importante compreendermos o que nos mantém conectados, apesar dos efeitos nocivos da internet, que costumam ser mais frequentemente mencionados, juntamente com a questão da perda da privacidade.

Parece óbvio mencionar este ponto, mas talvez o óbvio precise ser lembrado: a internet, os celulares, em suma, o ambiente virtual, redes sociais, aplicativos variados etc., possibilitaram que uma infinidade de tarefas corriqueiras estivesse ao alcance de um clique. Otimizaram o tempo de realização de tarefas banais, como pedir refeições e pagar contas. Parece banal quando mencionado, mas de fato significou uma mudança no paradigma de nossos hábitos. É possível hoje afirmar que carregamos quase toda nossa vida em nosso celular. Além disso, as redes sociais, de modo geral, permitiram encurtar distâncias, permitiram contato em tempo real com pessoas em qualquer lugar do mundo. Há ainda outros pontos a mencionar no que se refere à nossa relação ambígua com o mundo digital. Parece não restar dúvidas do quanto nos mantermos conectados tem sido cada vez mais sedutor e há, entre as hipóteses para explicar esse fato, a de Gueller (2017):

Se partirmos do postulado freudiano de que o psiquismo funcional é movido na base do princípio do prazer, não é difícil entender que nos agrada ter o que desejamos o mais depressa possível. Desse ponto de vista, a tecnologia, quanto mais avança, mais nos faz regredir. É uma corrida sem fim. Quanto mais nos é oferecido, mais esperamos e, conseqüentemente, qualquer falha nos põe num estado de privação ou frustração (Gueller, 2017, p. 65-66).

Na literatura psicanalítica, há, portanto, estudos variados que mostram as possíveis razões pelas quais o ambiente virtual pode ser sedutor, ainda que arriscado. Pode ser prazeroso, ainda que potencialmente viciante, já que tendemos a passar longas horas conectados. A esse respeito, tomamos emprestadas novamente as palavras de Santi (2020):

Ao recolher seu interesse da realidade imediata e se focar na tela, a mente parece entrar num transe, na medida em que as barreiras da realidade parecem suspensas. De toda forma, entra-se num estado prazeroso e excitante no qual a experiência da passagem do tempo também é alterada. Seja lendo notícias, interagindo com mídias sociais, jogando ou simplesmente deslizando erráticamente por vídeos e músicas, é uma experiência comum perder a noção da passagem do tempo. Ainda da perspectiva da experiência da passagem do tempo, o mundo virtual parece poder acompanhar a velocidade de nossa mente, sem os limites físicos do corpo; o que cria uma experiência de potencial vertiginoso, dificilmente encontrada na realidade material (Santi, 2020, p. 17).

Esses são apenas alguns dos aspectos possíveis de serem indicados no que se refere ao potencial sedutor e, poderíamos até afirmar, viciante do ambiente virtual. Não nos deteremos a investigar o caráter “facilitador” do mundo virtual, mas para finalizar esta sessão podemos, parafraseando Foucault e Han, afirmar: talvez a liberdade e a visibilidade características do ambiente virtual sejam armadilhas.

Hiperexposição, confissão e os impactos na subjetividade

Há, na literatura psicanalítica, análises importantes a respeito dos possíveis impactos do ambiente virtual na subjetividade. Iniciaremos por alguns pontos indicados por pesquisadores da psicanálise para, em seguida, expor nossas hipóteses partindo da teoria de Winnicott.

Um dos impactos apontados por pesquisadores da psicanálise diz respeito ao que chamaremos aqui de invasão do tempo pelo excesso de conectividade. Na verdade, é possível afirmar que o ambiente virtual nos fez transformar justamente nossa experiência com o tempo, uma vez que estamos constantemente acessíveis e há certa convocação constante para estarmos constantemente disponíveis. Praticamente não há mais momentos em que estejamos desconectados ou despreocupados com nossos *smartphones*. Qualquer momento pode ser invadido por notificações ou mensagens de toda ordem, desde questões pessoais a questões de trabalho. Além disso, qualquer momento de pausa pode ser uma brecha para checar o *smartphone* e ser invadido pelo excesso de informações em curto período, tanto no quesito notícias, quanto no quesito *e-mails*, mensagens e redes sociais. A esse respeito, Santi (2020) defende que essa realidade pode suprimir nossa capacidade de, efetivamente, realizar pausas, silenciar a mente dos estímulos, em suma, de dar descanso a nossas capacidades de manter-nos atentos. Em suas palavras:

Esta é uma habilidade que temos desenvolvido e deve ser reconhecida como um recurso útil para lidar com o ambiente contemporâneo, mas que, ao mesmo tempo, faz com que nunca nos instalemos de fato num *playground* e nos desacostuma a manter um foco prolongado: não é à toa que se multiplicam casos de distúrbio da atenção (Santi, 2020, p. 24).

Não é difícil supor, a partir desse ponto, que o ambiente virtual e o uso em excesso dele são potencialmente ansiógenos tanto pelo excesso de demandas e informações, quanto pelo ritmo acelerado com que precisamos lidar com elas, sem pausas e praticamente sem descanso. Em pessoas adultas, os efeitos desse cenário podem ser nocivos; em crianças, cada vez mais subjetivadas nesse cenário, os efeitos podem ser ainda mais prejudiciais.

No livro, *Intoxicações Eletrônicas*, outro estudioso da psicanálise, Christian Dunker, propõe que possivelmente não seja a tecnologia digital, por si só, algo nocivo, mas certos usos que se faz dela. Dunker nos parece muito preciso ao elencar os potenciais danos da tecnologia digital no psiquismo, sobretudo em crianças. Acompanhem suas palavras:

- a) aumento da velocidade das demandas, trocas e facilidade de acesso à informação;
- b) superficialidade de contato interpessoal, redução da espessura imaginária da vida de fantasia e correlato aumento de sua extensão; c) introdução de práticas que substituem o conflito, por exemplo, a evitação situacional por meio da exclusão, invisibilidade ou indiferença construída em relação aos elementos aversivos (Dunker, 2017, p. 121).

Há muitos pontos que poderiam ser abordados e examinados em termos dos possíveis efeitos do ambiente virtual na subjetividade. No entanto, como estamos trabalhando especialmente com a questão da hiperexposição, queremos examinar seus possíveis efeitos partindo da teoria de Winnicott.

Winnicott é bastante conhecido por ser um psicanalista a versar sobre a criatividade e a situa em termos bastante específicos, ou seja, a situa em termos de viver criativo, o que para ele tem estreita relação com a saúde psíquica e com o sentimento de que a vida *vale a pena ser vivida*. Podemos resumir esse entendimento na seguinte afirmação: para Winnicott, o pilar da saúde psíquica é o sentimento de que vale a pena estar vivo e isso só é possível quando há um desenvolvimento psíquico tal que englobe a espontaneidade individual, ainda que para ele o psiquismo sempre pressuponha encontro (Winnicott, 2021; Safra, 2021). Criatividade, para Winnicott, é saúde psíquica, envolve o sentimento de viver em primeira pessoa, de ser espontâneo na condução da própria vida e das próprias escolhas. Envolve a capacidade de criar e transformar mundos e não apenas de se *adaptar* às demandas do mundo.

Winnicott traz para a psicanálise a dimensão da importância do ambiente e da relação com ele na constituição psíquica. Winnicott nos propõe, em linhas gerais, que as bases da subjetividade e da saúde psíquica dependem justamente de uma apresentação em *pequenas doses* do mundo. Para ele, somos sempre, em alguma medida, mais ou menos dependentes de outro, desde nossa entrada no mundo. Para Winnicott, depende largamente de provisão ambiental satisfatória, isto é, de cuidado suficientemente bom, a concretização do que ele nomeia como tendência inata para a integração. No início, do nascimento aos primeiros meses de vida, a dependência de um cuidador suficientemente bom (ou mãe suficientemente boa) é uma dependência absoluta, já que há uma condição de extrema vulnerabilidade e precocidade que caracteriza o bebê humano nos primeiros meses de vida⁶. Gradualmente, ou nos termos de Winnicott, em pequenas doses, à medida que o psiquismo vai se desenvolvendo, a dependência de outro vai diminuindo até que cheguemos a um ponto de independência que, Winnicott sublinha, nunca será integral, mas algo como um *rumo* à independência. Desse modo, o caráter relacional é fundamental e central em sua teoria, ao passo que o isolamento e a autonomia absoluta podem ser considerados, além de prejudiciais, ilusórios (Winnicott, 2021, p. 22; Safra, 2021).

⁶ Winnicott usa o termo *mãe suficientemente boa* para se referir à mãe ou ao cuidador substituto. Em resumo, aquele (ou aqueles) que, em psicanálise, exerce a chamada função materna, de cuidado e amparo.

Winnicott enfatiza, em diversos momentos de seus escritos, a importância dos primeiros anos de vida, portanto, dos primeiros anos de cuidado para o desenvolvimento psíquico e para o desenvolvimento psíquico saudável, que para ele é vinculado com o que chama de viver criativo. Winnicott parece reconhecer e, mais, *querer que a sociedade reconheça e ampare as mães* (ou cuidadores) em seu papel fundamental de investir nos novos viveres criativos, em lançar as bases para a saúde psíquica, lançar as bases para que a criatividade, base da saúde e do viver espontâneo, possa emergir. Neste sentido, não seria exagero afirmar que Winnicott nos possibilita propor que o trabalho do cuidador suficientemente bom talvez seja o mais importante do mundo e precisa, portanto, de respaldo social, considerando a importância da tarefa de auxiliar no desenvolvimento psíquico, no desenvolvimento de um *self* saudável e criativo. Em uma das passagens em que enfatiza esse argumento, Winnicott afirma:

Quem já passou pela experiência da maternagem, e se permite olhar ao redor, provavelmente terá algum interesse em ler o que é dito dessa maneira, e poderia ajudar a fazer o que é tão necessário atualmente, ou seja, dar apoio moral à boa mãe comum, seja ela estudada ou não, inteligente ou limitada, pobre ou rica, e protegê-la contra tudo e todos que se interpuserem entre ela e seu bebê. Todos nós devemos juntar forças a fim de permitir o início e o desenvolvimento natural da relação emocional entre mães e seus bebês. Esse trabalho coletivo é uma extensão do trabalho do pai, do trabalho que o pai tem desde o início, quando a mãe está grávida, dá à luz e amamenta seu bebê, antes de chegar à fase em que o bebê poderá usar seu pai de outras maneiras (Winnicott, 2021, p. 150).

Saúde psíquica e viver criativo têm estreita relação com os cuidados propiciados sobretudo nos primeiros anos de vida, que Winnicott enfatiza em sua teoria.

Além disso, o psicanalista inglês enfatiza que o viver criativo envolve a capacidade de “habitar” o que ele chama de terceira área, na qual ocorre o brincar (também crucial em sua teoria), a criatividade e a experiência cultural. É como se Winnicott, em diálogo ou parafraseando Nietzsche, estivesse nos propondo que temos a criatividade para não morrer da verdade, com a verdade, ou em termos psicanalíticos, temos a criatividade para não morrer com o princípio de realidade.

Nos escritos de Winnicott, a “terceira área” corresponde a um “entre”, a um intermediário entre a realidade subjetiva e a realidade objetiva, compartilhada. Este talvez seja um dos pontos mais originais da teoria de Winnicott, a saber, os conceitos de objetos e fenômenos transicionais. Para Winnicott, a realidade objetiva, compartilhada, deve ser apresentada à criança gradualmente, em pequenas doses, por seu cuidador, e a passagem da relação de dependência absoluta de um cuidador para a dependência relativa e posteriormente, para rumo à independência também são processos graduais. A realidade objetivamente compartilhada não deve invadir o mundo subjetivo do bebê precocemente, sem que ele tenha desenvolvido recursos psíquicos para lidar com isso. Falhas nesse processo podem caracterizar traumas psíquicos, prejuízos no desenvolvimento psíquico e, portanto, prejuízos na capacidade criativa, espontânea, e, consequentemente, prejuízos no sentimento de que a vida vale a pena ser vivida.

Winnicott apresenta os conceitos de objetos e fenômenos transicionais para mostrar de que modo esse espaço *entre*, esse espaço potencial intermediário entre subjetivo e objetivo, vai sendo ocupado no decorrer do desenvolvimento psíquico. De acordo com Winnicott, à medida que vai se consolidando o psiquismo do bebê e depois da criança, ele vai gradualmente tornando-se independente e separado de seu cuidador. Nesta transição, o bebê faz uso do chamado objeto transicional. Winnicott explica que o objeto transicional é a primeira posse não-eu da criança. Nesse sentido, o que mais importa não é o objeto em si, mas o uso que o bebê faz dele. O objeto

transicional é o que permite a passagem de um estágio a outro do desenvolvimento psíquico. É o que permite ao bebê suportar a separação do cuidador e, no fundo, é o que permite ao bebê suportar a transição entre mundo subjetivo e realidade objetiva (Winnicott, 2019). O uso e depois o abandono do objeto transicional também é um processo de estabelecimento justamente da terceira área, da área intermediária, que vai ser, no adulto saudável, o espaço da experiência cultural, mas também da criatividade, não apenas em termos de criações artísticas, mas em termos de espontaneidade, de capacidade imaginativa, de simbolização, de repousar, de viver autenticamente, com vitalidade e humor. É com o sucesso da separação do cuidador e abandono do objeto transicional que a área transicional “se espalha” e passa a fazer parte desse espaço intermediário, o espaço da criatividade, da experiência cultural. A capacidade criativa é a capacidade adquirida do brincar, a capacidade adquirida de utilizar o espaço potencial, de utilizar e “habitar” a terceira área: da criatividade e de repouso.

Neste ponto de nossa exposição, fica mais clara a noção winnicottiana de espaço potencial e de que maneira ele é, se tudo correr bem, estabelecido. O espaço potencial, intermediário, do brincar, da criatividade etc., é descrito por Winnicott como o lugar em que vivemos, ou seja, o lugar onde passamos boa parte de nossa vida (Winnicott, 2019, p. 167). É no espaço potencial e intermediário que é possível haver repouso, monotonia, imaginação, criação, arte e assim por diante. Desta forma, é possível constatar a importância que Winnicott confere a este conceito e, como já dito, a importância desse conceito para a psicanálise.

Há estudiosos da psicanálise que defendem que o ambiente virtual pode ser análogo ao espaço intermediário dos objetos e fenômenos transicionais, a esse espaço “entre” da criatividade/espontaneidade. Neste ponto, voltamos a afirmar que, a depender do uso que se faz do ambiente virtual, ele pode ser um local de monotonia, repouso e até mesmo criatividade e, nesse sentido, poderíamos compreendê-lo como tendo uma função análoga à dos objetos e fenômenos transicionais. Contudo, considerando que o ambiente virtual na maior parte das vezes é caracterizado por excesso de informações, aceleração do tempo, excesso de demandas e certa seletividade no que diz respeito ao que expor de si, podemos defender que há uma tendência maior de que o ambiente virtual seja o exato oposto da zona intermediária da criatividade e do brincar da qual fala Winnicott. A esse respeito, acompanhemos as palavras de Santi (2020):

Nossos telefones, com os quais pouco fazemos ligações, podem ocupar a função de objetos transicionais aos quais desenvolvemos apego e, mesmo, dependência, como objetos mágicos que nos proporcionam acesso àquela outra realidade. Dela, podemos saltar para contatos, relações e trabalhos, e então sairemos do outro lado da ilusão, na direção da alteridade. *Ou podemos nos manter eternamente dependentes e reclusos naquele espaço, mas ele deixará de ser transicional para se tornar uma prisão. Este é um ponto muito favorecido pelo fato de que o mundo virtual já traz suas próprias representações dadas, privando do sujeito uma de suas funções criativas* (Santi, 2020, p. 20, grifos nossos).

Em outros termos, queremos defender aqui que o ambiente virtual, em vez de ser um ambiente no qual as capacidades espontânea, criativa e de repouso podem ser experienciadas, tende a ser o exato oposto. Queremos lembrar especialmente os argumentos de Han a respeito da hiperexposição de facetas do eu que estão em consonância com o *ethos* neoliberal de desempenho e competitividade. Ora, se especialmente nas redes sociais o que deve ser declarado, exposto e confessado sobre o eu são os atributos que se alinham com a racionalidade neoliberal e nesse sentido, somente valores como otimismo, produtividade, juventude e beleza tendem a ser valorizados no ambiente virtual, como, ao mesmo tempo, este ambiente poderia ser um espaço no qual há espontaneidade, criatividade e repouso? Em que momentos seria possível fomentar a espontaneidade e a monotonia se temos dedicado mais de nosso tempo a estarmos conectados,

disponíveis e impactados por excesso de informações? Defendemos aqui que o ambiente virtual, da maneira como temos frequentemente nos relacionado com ele, constitui muito mais um ambiente no qual é necessário haver certa submissão e adaptação do eu do que espontaneidade. Há muito mais um potencial exaustivo e talvez de crescente diminuição da espontaneidade, crescente retraimento do potencial criativo e da possibilidade de relaxamento e, portanto, em termos winnicottianos, há potencialmente, cada vez mais, prejuízos na saúde psíquica.

Queremos sublinhar que há na teoria de Winnicott a apreciação do repouso, de ter para onde retornar, como fator decisivo para a saúde psíquica. O espaço potencial também é um espaço para relaxamento. Winnicott aborda ainda o quanto jornadas de trabalho exaustivas podem ter efeitos nocivos sobre o psiquismo. Acompanhemos as palavras de Winnicott:

O fato é que as pessoas não deveriam assumir trabalhos que sejam sufocantes – ou, se não podem evitá-lo, precisam organizar seus fins de semana para que consigam alimentar sua imaginação, mesmo nos momentos de rotina entediante. Já se disse que é mais fácil manter a vida imaginativa dentro de uma rotina maçante do que numa área de trabalho relativamente interessante. Há de se lembrar, também, que o trabalho pode ser criativo, mas que não permite que ninguém mais faça uso do discernimento pessoal. Em algum lugar do esquema de coisas, pode haver espaço para que alguém viva com criatividade. *Isso envolve preservar algo de pessoal, talvez algo de secreto, que é inconfundivelmente você mesmo* (Winnicott, 2021, p. 48, grifos nossos).

Para Winnicott, portanto, a saúde psíquica pressupõe ter para onde retornar em termos de silenciar o mundo, em termos de repouso e relaxamento psíquico. É preciso resguardar o que em cada indivíduo há de precioso e secreto, é preciso e saudável ter um mundo pessoal para repousar, há sempre a necessidade de manter como que um segredo. Esta área de repouso, de descanso e monotonia é justamente a terceira área da criatividade, a que nos referimos antes. Além disso, Winnicott enfatiza que somente sendo capaz de alcançar um estado de relaxamento, de repouso, monotonia, é possível elaborar qualquer coisa que seja criativa. Ou seja, a monotonia, o relaxamento, em suma, o repouso, são fundamentais também na saúde (Winnicott, 2019, p. 95). Winnicott chega a defender o argumento de que é fundamental guardar, manter para si sempre, algo de privado. Afirma que pode ser assustador ser infinitamente explorado, ter o íntimo precocemente interpretado ou totalmente revelado (Winnicott, 2007, p. 163).

Podemos afirmar que há, portanto, prejuízos, do ponto de vista da teoria winnicottiana, no fato de ter o eu constantemente declarado, revelado e explorado. Mais ainda quando o que se revela de si não guarda relação com o viver criativo, com o sentimento de viver em primeira pessoa, vivendo e tomando decisões que guardam um propósito existencial autêntico e com vitalidade. E podemos entender que há empecilhos decisivos no mundo virtual tanto para a criatividade quanto para o repouso, já que é praticamente inviável repousar e se esconder em um cenário no qual há certo imperativo de hiperexposição exclusivamente dos atributos considerados negociáveis e competitivos, em resumo, dos atributos do eu considerados capitalizáveis. Nesse contexto, repousar parece quase inviável, assim como viver criativamente, já que é preciso corresponder e expor publicamente, a praticamente todo momento, o que nos constitui enquanto capital rentável.

Considerações finais

No ambiente virtual, no qual há construções constantes de imagens idealizadas do eu, no qual os imperativos são a hiperexposição dos atributos rentáveis do eu, os atributos capitalizáveis de si atrelados aos regimes discursivos de eficácia, performance e desempenho, em suma, em uma

realidade na qual, estamos submissos a certo ideal de nós mesmos que fomos obrigados a constituir para ocupar o mundo digital, onde e como fica a espontaneidade? Como quisemos mostrar neste artigo, a partir das análises de Foucault e Han, há uma correspondência entre os dispositivos neoliberais de governo e os modos de relações do ambiente virtual, marcados pelos dispositivos de confissão, vigilância e controle por meio do *panoptismo* digital. Parece que caminhamos para uma certa atrofia da espontaneidade e da capacidade de repousar, já que não podemos nem ser espontâneos, nem nos desconectarmos do ambiente virtual. Em termos winnicottianos, parece que caminhamos para uma gradual diminuição do espaço da criatividade, da “terceira área”. Mas pode ser difícil propor um prognóstico sobre os efeitos do ambiente virtual na constituição subjetiva. Como diz Santi (2020): “*Será a passagem do tempo e o crescimento das gerações que já nascem envolvidas por este ambiente que poderá nos dar as respostas mais precisas sobre as consequências disto tudo para a constituição subjetiva*” (Santi, 2020, p. 35).

De todo modo, entendemos que Winnicott é um autor que pode trazer contribuições importantes para nos auxiliar na tarefa de refletir sobre esse cenário e, possivelmente, nos auxiliar a criar outros modos de relações tanto no ambiente virtual quanto fora dele.

Referências

- AB'SABER, T. *Winnicott: experiência e paradoxo*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- ALMEIDA, F. A. *Suicídio e Medicalização da vida – reflexões a partir de Foucault*. Curitiba: CRV, 2021.
- ALMEIDA, F. A. e FREITAS, F. S. DE. Subjetividade e desamparo: um olhar winnicottiano sobre a racionalidade neoliberal. *Griot: Revista de Filosofia*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 115–131, 2021. DOI: 10.31977/grifi.v21i2.2370. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/2370> . Acesso em: 20 de nov. 2024.
- BEZERRA JR. B. e ORTEGA, F.. Por que Winnicott hoje. In: *Winnicott e seus interlocutores /* Francisco Ortega – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- DUNKER, C. I. L. Intoxicação Digital Infantil. In: *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais/ org: Angela Baptista, Julieta Jerusalinsky*. – Salvador: Ágalma, 2021.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da Sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976). 3ª edição. Edição estabelecida no âmbito da Associação para o Centro Michel Foucault, sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Mauro Bertani e Alessandro Fontana. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2016.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Gral, 2009.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da biopolítica*. Curso no Collège de France (1978-1979). Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa, Edições 70, 2010.
- FOUCAULT, M. *O Poder Psiquiátrico*. Curso no Collège de France (1973-1974). Edição estabelecida por Jacques Lagrange sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução Eduardo Brandão e revisão técnica Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. São Paulo, Martins Fontes, 2012.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- GUELLER, A. S. de. Droga de celular ! Reflexões psicanalíticas sobre o uso de eletrônicos. In: *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações digitais/ org: Angela Baptista, Julieta Jerusalinsky*. – Salvador: Ágalma, 2021.
- HAN, B. C. *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.
- KELLOND, J. 'Present-day troubles': Winnicott, counter-culture and critical theory today. *Psychoanalyses, Culture & Society*. 24,323–343. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/s41282-019-00123-x>. Acesso em novembro de 2024.
- POWERS, W. *O BlackBerry de Hamlet: uma filosofia prática para viver bem na era digital*. Tradução Daniel Abrão. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.
- SAFRA, G. *A face estética do self: teoria e clínica*. Aparecida – SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2021.
- SANTI, P. de. *A subjetividade no ambiente virtual: ambivalências, paranoia, realidade psíquica e quarentena*. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação : estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre : Artmed, 2007.
- WINNICOTT, D. W. *O Brincar e a Realidade*. Tradução: Breno Longhi. Revisão técnica de Leopoldo Fulgencio. Conselho técnico: Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker, Gilberto Safra, Leopoldo Fulgencio, Tales Ab'Saber. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. Tradução Paulo Cesar Sandler. Conselho técnico: Ana Lila Lejarraga, Christian Dunker, Gilberto Safra, Leopoldo Fulgêncio, Tales Ab’Saber. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

ZUBOFF, S. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Tradução George Schlesinger. RJ: In-trínseca. 2020.

Autor(a) para correspondência / Corresponding author: Flávia Andrade Almeida.
flaviaandrade psicologia@gmail.com